

## Luamanda: um ensaio sobre a construção do afeto e da identidade feminina negra

Adriana Maria de Abreu Barbosa<sup>1\*</sup> 

Kelvin Barbosa Freitas<sup>2</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

\*Autor de correspondência: [amabarbosa@uesb.edu.br](mailto:amabarbosa@uesb.edu.br)

### RESUMO

Este estudo buscou analisar o conto "Luamanda", da autora Conceição Evaristo, com o objetivo de compreender os mecanismos narrativos que interligam discursos sobre as figuras de mulheres negras e os vínculos afetivos que elas vivenciam na sociedade. A análise centra-se no conto "Luamanda", presente no livro *Olhos d'água*, de 2016, e é fundamentada nas reflexões das intelectuais Teresa de Lauretis (1987), Lélia Gonzalez (2020), Grada Kilomba (2019), bell hooks (2024), Joyce Gonçalves (2015), Adriana Maria de Abreu Barbosa (2011) Fernanda Mendonça e Adriana Maria de Abreu Barbosa (2019) e Carla Akotirene (2019). Os objetivos incluem: analisar a representação do feminino negro na sociedade, explorar as possibilidades de vivência de relações afetuosas para mulheres negras, desmistificar a figura da mulher negra e discutir a importância do autoconhecimento para que mulheres negras possam estabelecer laços afetivos. Para a realização deste estudo, foi utilizada a metodologia de cunho teórico-bibliográfico. Ao ler "Luamanda", reafirmamos a ideia de que a literatura de autoria feminina negra é fundamental para refletir sobre as perspectivas de amor disponíveis para mulheres negras.

### PALAVRAS-CHAVE:

Relações amorosas  
Interseccionalidade  
Feminismo negro  
Luamanda  
Conceição Evaristo

**SUBMETIDO:** 22 de maio de 2024 | **ACEITO:** 4 de setembro de 2024 | **PUBLICADO:** 21 de dezembro de 2024

© fólio - Revista de Letras 2024. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Introdução

O conto Luamanda presente no livro *Olhos d'água*, publicado em 2016 (aqui citado pela edição de 2018), da escritora mineira Conceição Evaristo, transfigura-se por meio da sua construção, diversos elementos discursivos que se correlacionam com as relações afetuosas vividas por mulheres negras em sociedade. A narrativa é desenvolvida sob a subjetividade da personagem Luamanda, que intitula a obra. Toda a construção da personagem parte da

descrição de uma mulher negra de meia-idade, que dialoga consigo, ao passo que relembra das suas experiências passadas em frente ao espelho.

Serão analisados, neste texto, os mecanismos pelos quais Conceição desenvolve a obra e constrói, no plano narrativo, discursos que se entrelaçam com a figura da mulher negra em relação aos vínculos amorosos vivenciados por elas em sociedade. O amor, sexo e conseqüentemente, o etarismo, são descritos pela autora de forma desconstruída, sem a necessidade de parâmetros normativos que delimitam os corpos e as atuações femininas na sociedade. A obra aborda, no plano discursivo, a necessidade de mulheres negras enxergarem-se como corpos detentores de possibilidades: do amor-próprio ao amor para com outros corpos. Apesar das considerações importantes dos desconstrutivistas a respeito da inexistência de um sujeito universal, o feminismo tem corroborado com essa discussão incluindo a categoriagênero. E sobre isso que Lauretis aborda ao discutir o conceito de "sujeito múltiplo", ao afirmar que o sujeito social é constituído não apenas pela diferença sexual, mas também por meio de códigos linguísticos e representações culturais que englobam raça e classe, resultando em um sujeito "múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido":

[...] Por potencial epistemológico radical quero dizer a possibilidade, já emergente nos escritos feministas dos anos 80, de conceber o sujeito social e as relações da subjetividade com a sociedade de uma outra forma: um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual; e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito "engendrado" não só na sua experiência de relações de sexo, mas também de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em de simplesmente dividido. (LAURETIS, 1987, p. 208)

Sob a perspectiva das estudiosas Lélia Gonzales, Grada Kilomba, Carla Akotirene, bell hook, Lautetis entre outras, na qual, dialogam diretamente com os elementos construídos por Conceição, serão feitas as considerações acerca da maneira que o conto apresenta uma personagem negra de meia-idade em processo de reflexão sobre própria vida, ao mesmo tempo que desconstrói a figura da mulher negra sob a ótica racista, machista e sexista.

### **A autora, a obra e o conto**

A autora deste conto, é nada mais do que Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida como Conceição Evaristo, um dos nomes mais

importantes do cenário literário brasileiro atual. A professora, escritora e pesquisadora nasceu no subúrbio de Belo Horizonte, no ano de 1946. Cerca de 24 anos depois, na década de 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro pouco tempo depois ingressou na graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além da graduação, Conceição Evaristo detém mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

A escrita de Conceição é singular em todas as dimensões. Os seus textos detêm elementos que o diferenciam de outras literaturas, não podendo ser enquadrados em uma literatura convencional, ela ultrapassa os limites do convencionalismo. Por se tratar de uma literatura escrita por uma mulher negra que detém as intelectualidades, isto é, os saberes não só acadêmicos, mas também, das próprias vivências e dos atravessamentos que o corpo negro feminino representado ficcionalmente é um corpo que sofre mediante a sociedade. Isto é o que a própria autora chama de *escrevivências*: “é a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil.” (MENDONÇA e BARBOSA, 2019, p. 849).

Os seus textos são marcados por vivências, protagonismo feminino, raça e sobretudo críticas sociais. Conforme Mendonça e Barbosa (2019), a obra de Conceição é relevante por incorporar a citação na discussão, qualifica o texto.

[...] apontar a luta diária das mulheres negras, sua condição social na sociedade brasileira e por propor a reconstrução e ressignificação da identidade feminina por meio de suas personagens. Evaristo utiliza da escrita de suas *escrevivências* para desfazer os estereótipos construídos pelo patriarcado. (MENDONÇA & BARBOSA, 2019, p 849.)

Um dos recursos mais interessantes utilizados por Conceição por meio da escrita, é a *escrevivência*, que se configura como a escrita carregada pelas vivências e experiências, sobretudo, experienciadas por corpos negros (MENDONÇA & BARBOSA, 2019, p 849).

Lançada em 2014, a coletânea de contos *Olhos d'água* da autora Conceição Evaristo transfigura-se como uma das obras literárias mais importantes da atualidade no cenário nacional. A coletânea foi vencedora do prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas, a consagração de maior renome da literatura brasileira detendo a terceira colocação, eternizando-se no hall da fama literário nacional.

Em sua estrutura, apresentam-se 15 contos que versam as vivências de pessoas negras, sobretudo de mulheres negras, em diferentes perspectivas. Os personagens que compõem cada conto representam de forma direta a realidade da negritude por meio de situações cotidianas vivenciadas em diferentes espaços, ora na favela, ora dentro de um ônibus, ou tal qual, em frente a um espelho, como em *Luamanda*, objeto de análise deste estudo:

Os contos são ambientados nas favelas e nas ruas onde vive o povo mais pobre e vítima da violência urbana. Todos falam sobre mulheres negras ou sobre homens com vida e destino fortemente apoiados em mulheres. Um pouco da vida de sua autora, Conceição Evaristo: menina pobre criada numa favela de Belo Horizonte — MG, mais tarde professora, doutora em literatura comparada e hoje um dos grandes expoentes da literatura brasileira (EVARISTO, 2018, p.7)

A autora transforma ocorrências repentinas, corriqueiras, que aos olhos rápidos do dia a dia passam por situações despercebidas: a feminilidade, o amor, sexo, dor, perda, pobreza, morte e sobretudo a raça. O tom poético vinculado a forma que a autora constrói cada conto, por meio da escrevivência, transformam-se no diferencial da obra:

É assim que Conceição Evaristo inventa este mundo que existe. De Ana Davenga, Maria, Duzu-Querença, Natalina, Salinda, Luamanda, Cida, Zaíta, Maíta. E desses meninos/homens perdidos, herdeiros de mães sem nome, herança que as mulheres deixaram e que ninguém quis receber. São histórias duras de derrota, de morte, machucados. São histórias que insistem em dizer o que tantos não querem dizer. O mundo que é dito existe. Suas regras, explícitas. (EVARISTO, 2018, p. 14)

Em relação ao conto analisado, *Luamanda*, encontra-se como o sétimo conto presente na coletânea e trata-se das reflexões de uma mulher negra de meia idade em frente ao espelho, enquanto se prepara para um encontro. A personagem principal reflete a respeito do passado repleto de experiências e vivências. Desde os amores, o sexo, as dores e a maternidade. Todos esses elementos são lembrados com um toque dialógico, pois a personagem dialoga consigo de forma sensível e poética sobre tudo que viveu ao passo que se arruma para encontrar alguém. Luamanda conta sobre as vivências que a fizeram ser quem é; das dores e felicidades encontradas pelos diferentes caminhos que tomou e nega qualquer possibilidade que a faça deixar de viver.

### **Luamanda e a interseccionalidade**

O conto *Luamanda*, objeto desta análise nos apresenta a história de uma mulher negra, de meia-idade, em processo de reflexão da própria vida

enquanto desbravadora do amor. Em frente ao espelho, preparando-se para um encontro, a personagem Luamanda reflete a respeito das suas experiências amorosas passadas, sobre si e das diversas significações do amor.

Luamanda é a representação fiel da mulher negra sob a ótica da aceitação e do amor-próprio. Inquestionavelmente, ela se ama enquanto mulher negra e, ao mesmo tempo, como mulher, isto é, aceita a própria identidade. A personagem em momento algum durante o conto nega o ser negra, pelo contrário, Conceição apresenta uma personagem que vivenciou o processo de aceitação da negritude, logo, não há dúvidas sobre quem ela é:

Não, não era o caso de Luamanda, que se reconhecia e se descobria sempre. Pouquíssimos fios de cabelos brancos avançavam buscando criar um território próprio em sua cabeça. Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais. Imaginou-se com os cabelos brancos sobre o rosto negro, (EVARISTO, 2018, p. 64)

O fato da personagem reconhecer-se enquanto mulher negra prova que Conceição expõe nas entrelinhas as marcas das violências interseccionais que a personagem vivenciou ao decorrer da narrativa:

Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. (EVARISTO, 2018, p. 66)

Compreende-se por violências interseccionais as diferentes formas de opressões que atingem os corpos de mulheres negras na sociedade. Segundo Carla Akotirene, escritora, feminista e pesquisadora negra, no texto *Interseccionalidade*<sup>1</sup>, presente na coletânea "*Feminismos Plurais*" (2019), o termo interseccionalidade é entendido como a interconexão e interações entre diferentes formas de opressão sofridas por mulheres negras, isto é, um sistema de opressões interligadas. Logo, é um complexo de opressões que operam em conjunto para reproduzir as violências contras às mulheres negras, desde a violência de gênero ao racismo (AKOTIRENE, 2019, p. 15).

A violação do corpo sofrida pela personagem, representa os atravessamentos que ela vivenciou. É válida a reflexão a respeito da perspectiva adotada por Conceição ao representar o estupro sofrido pela personagem. É no âmbito das relações amorosas, das trocas de afetos que

---

<sup>1</sup> O termo surge nos Estados Unidos a partir dos estudos da pesquisadora e escritora negra, Kimberlé Crenshaw em 1989, no qual, segundo a autora, permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. (Crenshaw apud Akotirene, 2019, p. 14).

ocorre a violação; e principalmente a inviabilização da voz feminina, isto é, a não autonomia sobre o próprio corpo, sobre o sim e o não, refletida pelas mãos de um dos parceiros que “não soubera entender a solidão da hora da partida”. (EVARISTO, 2018, p. 66). Percebe-se que Conceição não esconde as dores vividas pela personagem, pelo contrário, a autora cria planos narrativos entre o presente e o passado, nos quais, as dores não conflituam com a felicidade da personagem, pelo contrário, Conceição indiretamente propõe que mulheres negras estão para além das violências sofridas; Luamanda constrói o próprio sentido da sua vida.

É a ida contra os atravessamentos que ultrapassam os corpos de mulheres negras, que Conceição Evaristo, constrói uma personagem que apresenta perspectivas positivas e inovadoras: a mulher negra é muito mais do que as violências que a atinge. A abordagem de Conceição ao trazer Luamanda, como uma mulher negra, que reflete sobre a própria vida em posição de protagonismo, demonstra toda a desmistificação das violências citadas anteriormente, criando assim, espaços que vão além de possibilidades.

## **O corpo**

Grada Kilomba, escritora e psicóloga portuguesa, em seu livro *Memórias da plantação* (2019), escreve a partir das considerações de Heidi Safia Mirza, pesquisadora na área de estudos da educação, sociologia da educação e feminismo negro, que o feminino negro é marcado, não só pelas violências que o atravessam, mas também, pela invisibilidade ao concluir que:

Mulheres negras habitam um espaço vazio que se sobrepõe às margens da raça e do gênero, o chamado “terceiro espaço” [...] Habitamos uma espécie de vácuo de apagamento e contradição “sustentado pela polarização do mundo em negros (raça) de um lado e mulheres (gênero) do outro”. (KILOMBA, 2019, p. 97)

Se por um lado, mulheres negras são constantemente atravessadas, do outro, elas são inexistentes. Com isso, conclui-se que formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam e a partir desse intrincado cruzamento, não existe um local específico, no qual, a mulher negra possa coexistir.

No texto *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, da intelectual brasileira Lélia Gonzales, uma de suas discussões centra-se na figura da mulher negra através da análise cultural da sociedade brasileira, utilizando como um dos

tópicos da discussão, o mito da democracia racial. Em seu texto são explicitadas as concepções sobre a mulher negra, no qual, a autora discute como o corpo feminino negro é visto, classificado e delimitado na sociedade a partir de três denominações: a mulata e a doméstica e mãe preta. Interessamos as duas primeiras denominações, mas faz-se necessária a reflexão das três:

A primeira denominação diz respeito a mulata, a mulher negra valorizada pelo seu corpo e que ganha destaque somente no carnaval.

A segunda, que detém o paradoxo do ser, é a doméstica. A negra que trabalha nas casas da branquitude, “a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga” (GONZALEZ, 2020, p. 80) e que ao mesmo atua como deusa no carnaval.

No que diz respeito a mãe preta, pode-se perceber diretamente a relação e a importância dessa mulher na base da construção da sociedade brasileira. A autora vai discutir o pensamento de que a criação dos filhos dos senhores foi uma tarefa exclusivamente da mulher negra. “E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os seus valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira.” (GONZALEZ, 2020, p. 88). Portanto, todo o processo formativo dos filhos da branquitude era papel da mãe preta, sendo assim, a construção da educação dos filhos da branquitude era o espelho das vivências das escravizadas (das bá).

A mulata, mulher negra valorizada pelo seu corpo e que ganha destaque somente no período carnavalesco, no qual, antes do carnaval inexistente. “É nesse instante que a mulher negra se transforma única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa fazendo graça/ fazendo pirraça/ fingindo inocente/ tirando o sossego da gente” (GONZALEZ, 2020, p.80). É a partir desse momento que a mulher negra é vista, não como igual, mas também, como objeto de apreciação, assim como, objeto sexual como a princesa amada e desejada: “ali ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la” (GONZALES, 2020, p. 80).

Já a doméstica, é a negra que trabalha nas casas da branquitude, “a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga” e atua como deusa no carnaval. Assim:

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. (GONZALES, 2020, p. 80)

Logo, a mulata é a doméstica e a doméstica é a mulata, são atribuições para um mesmo sujeito. “A nomeação vai depender da situação em que *elas* são vistas” (GONZALEZ, 2020, p. 80. Grifos do autor).

Assim como Lélia Gonzales, Grada Kilomba discute o corpo feminino, inserindo a perspectiva da dualidade influenciada pela violência racial, presente no corpo feminino negro, no qual, afirma, por meio das inferências de Stuart Hall, teórico cultural, sociólogo e acadêmico britânico, que o racismo, portanto, constrói a mulheridade negra como um duplo - “a doméstica assexual obediente e a prostituta primitiva sexualizada (KILOMBA, 2019, p. 143).

A dualidade apresentada por Kilomba em suas discussões, completam de certa forma, as proposições feitas por Lélia, ao concluir que o corpo da mulher negra ao passo que é endeusado e invisível, é também, objeto sexual, reprodutor e servente: historicamente, mulheres negras têm tido essa função de serem corpos sexualizados e reprodutores de trabalhadoras/es, isto é, tem a função tanto de amantes como de mães. (COLLINS, 2000; hooks, 1981; 1992 apud KILOMBA, 2019, p. 141).

Logo, o corpo é o objeto que se divide em benefício do prazer do outro, assim como da sua serventia. Tudo isso motivado pelo contexto histórico, no qual, durante a escravidão iniciou-se a objetificação do corpo negro. É possível, também, compreender a relação do corpo negro como objeto dualista, no ensaio *Sexismo e Experiência das Mulheres Negras Escravizadas* (1982), da escritora, feminista, ativista social e professora, bell hooks, no qual,

[...] escreve sobre como em anúncios de venda de escravizadas/os, as mulheres africanas eram descritas por sua capacidade de procriação. Elas foram classificadas como “procriadoras de escrava/os”, “mulheres em idade fértil”, dentro do “período de reprodução” ou “velha demais para procriar” (HOOKS, 1981, p. 39 apud KILOMBA, 2019, p. 141)



No entanto, a perspectiva de Conceição ao inserir o corpo negro, não como um objeto invisível que coexiste entre a serventia e o prazer alheio, mas como uma desconstrução gradativa e ao mesmo tempo como o espaço para as aventuras da personagem, demonstra que o corpo é inserido em um espaço próprio, isto é, onde não existem delimitações externas, nem tampouco, inexistência da sua presença; as leis que o regem partem da subjetividade da detentora. Em outras palavras, o corpo é propriedade de Luamanda e ela quem o delimita e se aventura por meio dele:

Ela iniciara cedo na busca, menina, muito menina ainda. Lembrava-se da primeira paixão. Sentimento esquivo, onde se misturavam revistas em quadrinhos, giz colorido, partilha de pão com salame e um epílogo cruel dramatizado pela surra que levava da mãe. (EVARISTO, 2018, p. 64)

[...] Corpo-coração espetado por um falo, também estreante. Um menino que se fazia homem ali, a inaugurar em Luamanda o primeiro jorro, fora de suas próprias masturbantes mãos. E ambos se lambuzavam festivamente um no corpo do outro. Luamanda chorando de prazer. (EVARISTO, 2018, p. 64)

Luamanda, um dia, também amazona, montada então sobre um jovem. O moço encantado por aquela mulher que ele sabia madura, mas de imprecisa idade. O jovem amamentando-se no tempo vivido dela. Luamanda se realimentando, reencontrando a sua juventude passada e encantada pela virilidade quase inocente dele. (EVARISTO, 2018, p. 64).

Ao passo que o corpo é desconstruído, a maternidade também ganha destaque pelas mãos de Conceição. Percebe-se que o corpo de Luamanda enquanto gestante, não é inserido como um como reprodutor estereotipado. A descrição da autora detém um toque afetivo, visto que, a gestação parte das trocas de afeto entre Luamanda e aquele que viria ser pai dos seus filhos:

[...] Ele sorriu. Ela sentiu o sorriso desgrudando da face dele e mordendo lá dentro dela. O coração de Luamanda coçou e palpitou, embora a cara da lua nem estivesse escancarada no céu. Não fazia mal, a lua viria depois. E veio, várias vezes. Lua cúmplice das barrigas-luas de Luamanda. Vinha para demarcar o tempo grávido da mulher e expulsar, em lágrimas amnióticas e sangue, os filhos: cinco. Navegação íntima de seu homem no buraco-céu aberto de seu corpo. (EVARISTO, 2018, p. 65)

## **Luamanda e a beleza**

Porém, toda a construção da personagem demonstra estar em oposição dos atravessamentos que o seu corpo experimentou, isto é, uma mulher que detém cicatrizes, no entanto, detém também possibilidades, confiança e aceita quem é. Percebe-se logo nos parágrafos iniciais:

Nunca ninguém havia lhe dado mais de quatro décadas de vida. Um dia o lance mais alto que ela orgulhosamente aceitara fora de 35 anos. Sorriu ao ouvir a oferta. É, estava inteirinha, apesar de tantos

trambolhões e acidentes de percurso em sua vida-estrada. (EVARISTO, 2018, p. 65)

Como também em:

Alma-menina no tempo? Não, ela não se envergonhava de seu narcisismo. Era com ele que ela compunha e recompunha toda a sua dignidade. Encarou novamente o espelho e se lembrou de um poema, em que uma mulher, contemplando a sua imagem refletida, perguntava angustiada onde é que ela deixara a sua outra face, a antiga, pois não se reconhecia naquela que lhe estava sendo apresentada naquele momento. (EVARISTO, 2018, p. 67)

[...] Não, não era o caso de Luamanda, que se reconhecia e se descobria sempre. Pouquíssimos fios de cabelos brancos avançavam buscando criar um território próprio em sua cabeça. Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais. (EVARISTO, 2018, p. 68)

Mulheres negras e maduras podem se ver como mulheres belas. Essa é a proposição feita por Conceição utilizando-se do plano discursivo. Como mencionado anteriormente, a autora insere como personagem principal uma mulher negra de meia idade que se aceita, a perspectiva em questão reflete a uma crítica direta ao padrão estético presente na sociedade, que segundo Joyce Gonçalves (2015), pesquisadora na área de relações Étnico-raciais, postula, que a sociedade está o tempo todo, a partir de seus pressupostos políticos, impondo uma série de normas sociais, que variam de comportamentos, atitudes, posturas aos modos de ser, sentir e agir (DA SILVA, 2015, p. 21). Dessa forma, a estética também é afetada: o que é belo e o que não é.

## **O amor e o sexo**

Paralelamente à ressignificação do corpo negro, a autora insere, também, a perspectiva dos prazeres carnavais através do olhar feminino. O sexo é descrito por Luamanda, ou seja, a mesma descreve as relações, os prazeres e as dores que sentiu por meio de diversas experiências. Portanto, ela narra de um lugar de liberdade, no qual, a própria personagem tem o poder da escolha das/dos parceiras/os; dos sins e dos não.

O amor e o amor sexual são descritos sem barreiras. A autora desconstrói o corpo feminino e os prazeres e os ressignificam.

Luamanda em diversas partes do conto revela através das reflexões acerca das suas experiências amorosas a busca pelo amor, sob a perspectiva da aventura em viver experiências. Ela faz indagações a respeito dos amores

vividos para refletir sobre o que, de fato, é o amor: “O amor dói?” (EVARISTO, 2018, p. 64); “O amor é terra morta?” (EVARISTO, 2018, p. 64), “O amor é terremoto?” (EVARISTO, 2018, p. 64)”; “O amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas?” (EVARISTO, 2018, p. 65); “O amor não cabe em um corpo?” (EVARISTO, 2018, p. 66); “O amor é um tempo de paciência?” (EVARISTO, 2018, p. 66); “O amor comporta variantes sentimentos?” (EVARISTO, 2018, p. 67). Cada indagação feita ao decorrer do conto transfigura-se em um tom lírico e ao mesmo tempo com um toque construtivo, de tal forma que ao final de cada passagem, ao surgir novas interrogações motivadas pelas experiências, a personagem criasse um sentido para o amor e o ressignificasse, mediante às novas experiências:

Ela iniciara cedo na busca, menina, muito menina ainda. Lembrava-se da primeira paixão. Sentimento esquivo, onde se misturavam revistas em quadrinhos, giz colorido, partilha de pão com salame e um epílogo cruel dramatizado pela surra que levava da mãe. O amor dói? (EVARISTO, 2018, p. 64)

Um menino que se fazia homem ali, a inaugurar em Luamanda o primeiro jorro, fora de suas próprias masturbantes mãos. E ambos se lambuzavam festivamente um no corpo do outro. Luamanda chorando de prazer. O gozo-dor entre as suas pernas lacrimévagina no falo intumescido do macho menino, em sua vez primeira no corpo de uma mulher. O amor é terremoto? (EVARISTO, 2018, p. 64)

Lua cúmplice das barrigas-luas de Luamanda. Vinha para demarcar o tempo grávido da mulher e expulsar, em lágrimas amnióticas e sangue, os filhos: cinco. Navegação íntima de seu homem no buraco-céu aberto de seu corpo. O amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas? (EVARISTO, 2018, p. 65);

É a partir das vivências de Luamanda, que se pode compreender a busca por mulheres negras pelo autoconhecimento e sobre o conhecimento no amor. Conforme bell hooks escreve sobre a busca pelo autoconhecimento e sobre a necessidade de mulheres negras conhecerem o amor:

Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar a sua necessidade de conhecer o amor. (HOOKS, 2010, p. s/n)

Logo, o que bell hooks postula, insere-se em forma de proposição acerca da necessidade de mulheres negras conhecerem o amor, assim como, o amor-próprio. “O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as suas casas” (HOOKS, 2010, p. s/n. Grifos do autor). Portanto, Conceição dialoga com hooks ao inserir uma personagem altruísta que enxerga

o amor como uma possibilidade de ser feliz e que, ao mesmo tempo, detém a liberdade de escolher quem quer amar.

### **Considerações finais**

Este estudo teve como objetivo geral, a análise dos recursos pelos quais Conceição Evaristo desenvolveu o conto Luamanda, presente no livro *Olhos d'água*, e construiu, no plano narrativo, discursos que se entrelaçam com as figuras de mulheres negras em relação aos vínculos amorosos vivenciados por elas em sociedade. Observou-se a partir da análise do conto que a personagem Luamanda é, na verdade, a representação do feminino negro pelo viés das possibilidades de vivenciar possíveis relações afetuosas. O fato de mulheres negras serem afetadas por indicadores de violência racial e de gênero (racismo e machismo/sexismo), faz com que os seus corpos sejam vistos, não só a partir de uma perspectiva externa, mas também, interna, como não detentores de recebimento de afeto próprio e de outrem. Argumenta-se a importância da necessidade de mulheres negras conhecerem as possibilidades de autoconhecimento para que, posteriormente, consigam vivenciar relações afetuosas, livres de atravessamentos, como as mencionadas por Conceição em “Luamanda”.

### **Referências**

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade* / Carla Akotirene. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos água*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2018.
- GONZALES, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*/organização Flavia Rios, Marcia Lima - 1º ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, bell. *Vivendo de amor*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 04 mai. 2024.
- DE LAURETIS, Teresa. *A Tecnologia do Gênero* (1987).pdf.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

DA SILVA, Joyce Gonçalves. "NÓS TAMBÉM SOMOS BELAS" A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CORPO E DA BELEZA EM MULHERES NEGRAS. 2015.

EVARISTO, Conceição. "*Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'*". Nexo Jornal: 26 Mai 2017. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/conceicao-evaristo-minha-escrita-e-contaminada-pela-condicao-de-mulher-negra>>. Acesso em: 09 de mai. de 2024.

MENDONÇA, Fernanda de Quadros Carvalho; DE BARBOSA, Adriana Maria Abreu. *Luamanda e suas "sete faces": um olhar sobre o conto "Luamanda" de Conceição Evaristo*. *fólio-Revista de Letras*, v. 11, n. 1, 2019.

MUSEU DO AMANHÃ. Clube de Leitura do Museu do Amanhã | *Olhos d'Água*. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/clube-de-leitura-do-museu-do-amanha-olhos-dagua#:~:text=Pela%20obra%20%E2%80%9COlhos%20d'%C3%81gua,desde%20que%20ela%20foi%20criada.>>. Acesso em: 09 de mai. de 2024.

**RESUMEN:** Este estudio buscó analizar el cuento "Luamanda", de la autora Conceição Evaristo, con el objetivo de comprender los mecanismos narrativos que interconectan los discursos sobre las figuras de las mujeres negras y los vínculos emocionales que viven en la sociedad. El análisis se centra en el cuento "Luamanda", presente en el libro *Olhos d'água*, de 2016, y se basa en las reflexiones de las intelectuales Teresa de Lauretis (1987), Lélia González (2020), Grada Kilomba (2019), Bell Hooks (2024), Joyce Gonçalves (2015), Adriana Maria de Abreu Barbosa (2011), Fernanda Mendonça e Adriana Maria de Abreu Barbosa (2019) (2019) y Carla Akotirene (2019). Los objetivos incluyen: analizar la representación de la mujer negra en la sociedad, explorar las posibilidades de vivenciar relaciones afectivas para las mujeres negras, desmitificar la figura de la mujer negra y discutir la importancia del autoconocimiento para que las mujeres negras puedan establecer vínculos afectivos. Para la realización de este estudio se utilizó una metodología teórico-bibliográfica. Al leer "Luamanda", reafirmamos la idea de que la literatura escrita por mujeres negras es fundamental para reflexionar sobre las perspectivas de amor disponibles para las mujeres negras.

**PALABRAS-CLAVE:** Relaciones amorosas; Interseccionalidad; feminismo negro; Luamanda; Conceição Evaristo.